



**35**  
ANOS



OUTONO



KARL OVE KNAUSGÅRD

# Outono

*Tradução do norueguês*  
Guilherme da Silva Braga

  
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Karl Ove Knausgård  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Om høsten

*Capa*

Raul Loureiro

*Imagem de capa*

*Sem título*, de Paulo Pasta, 2001. Óleo e carvão sobre papel, 15 cm × 20 cm.

*Preparação*

Mariana Donner

*Revisão*

Huendel Viana

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Knausgård, Karl Ove

Outono / Karl Ove Knausgård ; tradução do norueguês Guilherme da Silva Braga. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

Título original: Om høsten.

ISBN 978-65-5921-210-1

1. Ficção norueguesa I. Título.

---

22-103318

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

CARTA A UMA FILHA NÃO NASCIDA | 28 DE AGOSTO

SETEMBRO

Maçãs, 19

Vespa, 22

Sacolas plásticas, 25

Sol, 28

Dentes, 30

Toninhas, 33

Gasolina, 36

Rãs, 39

Igrejas, 42

Mijo, 44

Molduras, 48

Crepúsculo, 51

Apicultura, 54

Sangue, 56

Raios, 59

Chiclete, 62  
Cal, 66  
Víboras, 69  
Boca, 72  
Daguerreotipia, 75

CARTA A UMA FILHA NÃO NASCIDA | 29 DE SETEMBRO

OUTUBRO

Febre, 87  
Galochas, 89  
Águas-vivas, 91  
Guerra, 93  
Lábios vaginais, 96  
Camas, 99  
Dedos, 101  
Folhas, 105  
Garrafas, 107  
Resteva, 110  
Texugos, 113  
Bebês, 116  
Carros, 119  
Solidão, 122  
Experiência, 125  
Piolhos, 128  
Van Gogh, 131  
Migração, 134  
Navios-tanque, 136  
Terra, 139

NOVEMBRO

Latas de conserva, 151

Rostos, 154

Dor, 157

Aurora, 160

Telefones, 162

Flaubert, 165

Vômito, 168

Moscas, 171

Perdão, 174

Botões, 177

Garrafas térmicas, 180

Salgueiro, 183

Vasos sanitários, 186

Ambulâncias, 188

August Sander, 190

Chaminés, 193

Ave de rapina, 195

Silêncio, 198

Bateria, 201

Olhos, 204



CARTA A UMA FILHA NÃO NASCIDA



28 DE AGOSTO. Agora, enquanto escrevo, você não sabe nada a respeito de nada — o que a espera, em que tipo de mundo você há de surgir. E eu não sei nada a respeito de você. Já vi uma imagem de ultrassom e coloquei a mão na barriga onde você está; isso é tudo. Ainda faltam seis meses para o seu nascimento e tudo pode acontecer nesse tempo, mas acredito que a vida é forte e indômita, acredito que tudo vai dar certo para você e que você deve nascer sadia, forte e saudável. “Vir à luz”, é assim que dizemos. Vanja, a sua irmã mais velha, nasceu com a noite do lado de fora, em meio a uma escuridão repleta de flocos de neve que rodopiavam. Pouco antes de ela sair, uma das parteiras me puxou e disse, “pegue-a”, e foi o que fiz: uma menina deslizou para as minhas mãos como uma pequena foca. Minha felicidade era tanta que comecei a chorar. Quando Heidi nasceu um ano e meio depois era outono e o céu estava encoberto, frio e úmido como em geral acontece em outubro. Ela chegou pela manhã, o parto foi rápido e, quando a cabecinha já estava para fora — mas não o restante do corpo —, ela fez um barulhinho com os lábios.

Foi um momento de grande alegria. John, o seu irmão mais velho, chegou numa cascata de água e sangue, a sala não tinha janela, meio como um bunker, foi a impressão que tive, e quando mais tarde saí para dar uma caminhada e ligar para os avós de vocês eu me surpreendi com toda a luz no lado de fora, me surpreendi ao ver que a vida continuava como se nada tivesse acontecido. Era o dia 5 de agosto de 2007 e o relógio marcava cinco ou seis horas em Malmö, para onde tínhamos nos mudado no verão anterior. Mais tarde naquela noite pegamos o carro e fomos a um hotel hospitalar, e no dia seguinte eu busquei as suas irmãs, que se divertiram muito colocando um lagartinho verde de borracha na cabeça dele. Na época, uma delas tinha três anos e meio e a outra quase dois. Eu tirei fotos, e um dia vou mostrá-las a você.

Foi assim que as suas irmãs e o seu irmão vieram à luz. Agora todos estão crescidos, acostumados ao mundo, e o mais curioso é que todos são muito diferentes, cada um repleto de personalidade, e sempre foi assim, desde o primeiro momento. Imagino que com você também deva ser assim, que você já é a pessoa que há de se tornar.

Duas irmãs, um irmão, uma mãe e um pai; esses somos nós. Essa é a sua família. Começo falando nisso porque é o mais importante. Boa ou ruim, calorosa ou fria, austera ou gentil, pouco importa: a família é o mais importante, essas são as relações por meio das quais você há de ver o mundo, por meio das quais você há de formar sua compreensão de praticamente tudo, de maneira direta ou indireta, tanto nas horas boas como nas horas ruins.

Agora, durante esses dias, estamos todos bem. Hoje, enquanto as crianças estavam na escola, eu e a sua mãe fomos a um café em Limhamn nesse calor de fim de verão — o dia estava incrível, com sol, céu azul e uma discreta insinuação de outono no ar, em

que todas as cores pareciam saturadas, mas assim mesmo vivas — e conversamos sobre qual seria o seu nome. Eu sugeri Anne se você for menina, e Linda disse que gostava demais desse nome, que tem uma sonoridade leve e clara, e gostaríamos que essas características estivessem associadas a você. Se você for menino, nossa sugestão foi Eirik. Assim você teria no nome o mesmo som que o seu irmão e as suas irmãs têm — *i* — pois é assim que todos esses nomes soam quando ditos em voz alta: Vanja, Heidi, John.

Agora os quatro estão dormindo. Eu estou no meu escritório, que na verdade é uma casinha com dois cômodos e um sótão, olhando para o gramado que leva à casa onde todos estão, para as janelas escuras que estariam invisíveis se não fossem os postes de iluminação pública do outro lado: a luz que irradiam enche a cozinha de um brilho tênue e fantasmagórico. Aquela casa na verdade é composta por três casas, uma depois da outra, reformadas e transformadas em uma. Duas de madeira pintada de vermelho, uma de alvenaria caiada. Em outras épocas havia famílias que trabalhavam nas grandes propriedades vizinhas e moravam lá. Entre essas duas casas há uma casa de hóspedes, que chamamos de casa de verão. No interior da ferradura desenhada pelas três casas fica o jardim, que se estende por uns trinta metros em direção a um muro branco. Lá temos duas ameixeiras, uma antiga, com um galho que cresceu tanto e acumulou tanto peso que precisa ser apoiado por duas forquilhas, e uma jovem, que eu plantei no verão passado e que este ano está dando frutas pela primeira vez, além de uma pereira, também antiga, bem mais alta do que a casa, e três macieiras. Uma das macieiras estava em condições bem ruins, com muitos galhos mortos, a árvore parecia estar ressequida e sem vida, mas no início do verão eu fiz a poda, eu nunca tinha feito isso e fiquei muito empolgado, fui podando cada vez mais sem me dar conta do que estava fazendo, até que depois, já no fim do entardecer, desci e me afastei para ver

o resultado. “Mutilação” foi a palavra que me veio à cabeça. Mas hoje os galhos estão crescidos, a copa está frondosa e a macieira está carregada de maçãs. Essa é a experiência que tenho com o trabalho no jardim: não há razão para ter cuidado nem sentir medo de nada, porque a vida é robusta e vem por assim dizer em cascata, cega e verdejante, e por vezes isso é assustador, porque nós também vivemos, porém numa situação mais ou menos controlada, o que faz com que tenhamos medo de tudo o que é cego, tudo o que é indômito, tudo o que é caótico, tudo o que cresce em direção ao sol, e que no entanto com frequência é belo de uma forma que vai além do simples aspecto visual, pois a terra tem cheiro de podre e de escuro, fervilha com besouros ariscos e vermes rastejantes, os caules das flores são cheios de seiva, as copas das árvores transbordam fragrâncias, e o ar, frio e cortante, quente e úmido, saturado de sol ou de chuva, deposita-se sobre a pele acostumada a quatro paredes como um invólucro de presença. Atrás da casa principal fica a estrada, que acaba cem metros adiante no que parece ser uma região semi-industrial desativada, as construções são cobertas por telhados de zinco corrugado e as janelas estão quebradas, e há motores e eixos no lado de fora, enferrujados e já meio sumidos na grama. Do outro lado, atrás da casa em que estou, há uma bonita construção de tijolo à vista que se destaca em meio às folhagens verdejantes.

Vermelho e verde.

Essas palavras não dizem nada para você, mas para mim existe muita coisa nessas duas cores, parece haver um anseio por aquilo que contêm, e acredito que esse é um dos motivos que me levaram a ser escritor, porque conheço muito bem esse anseio e compreendo que é uma coisa importante, mas não sei expressá-lo e portanto não sei o que é. Eu tentei, mas capitulei. A capitulação foram os livros que publiquei. Um dia você pode lê-los, e assim talvez você entenda o que eu quero dizer.